

POLÍTICA CAMBIAL

Economistas defendem um real mais fraco

Decepção com balanço comercial acirra o debate sobre como aumentar exportações

CLEIDE SÁNCHEZ RODRÍGUEZ
e ANDRÉ PALHANO

Os resultados frustrantes da balança comercial, que apesar de registrar um bom saldo das exportações vem sendo afetada com movimento expressivo das importações, podem levar o dólar a superar os R\$ 2,00. Para Paulo Nogueira Batista, economista da Fundação Getúlio Vargas, isso seria possível e não seria de todo ruim. Para o ministro da Fazenda, Pedro Malan, os déficits sucessivos da balança comercial isoladamente não provocam um aumento das cotações do dólar, que é causado por um conjunto de fatores.

Durante seminário realizado na sexta-feira sobre perspectivas do crescimento para 2001, o ministro afirmou que a economia brasileira deve crescer, pelo menos, 4% nos próximos dois anos, dependendo da evolução do cenário externo. Malan, no entanto, evitou fazer projeções para a balança comercial brasileira.

Nogueira Batista não vê problemas se o dólar superar os R\$ 2,00. Uma depreciação adicional do real, afirma, contribuiria para estimular as exportações, o que favoreceria o ajuste externo e desestimularia as importações de bens e serviços. Isso não significa que os efeitos da maxi-desvalorização do ano passado já foram totalmente absorvidos. "Eles vão continuar por alguns anos." Câmbio um pouco mais elevado seria apenas um incentivo dentro de um conjunto de medidas para o País voltar a ter saldos comerciais positivos. Outras medidas seriam o aumento do crédito das exportações,

estímulos para substituição de importações e alterações na carga tributária.

Como o déficit em conta corrente do País continua elevado – na casa dos US\$ 25 bilhões –, um dólar mais valorizado também ajudaria o "cenário de vulnerabilidade externa como o que se vislumbra para o próximo ano", explica Batista. O economista destacou, porém, que a desvalorização do real deve ser bem conduzida para não provocar desequilíbrios.

O economista Eduardo Giannetti da Fonseca, da Universidade de São Paulo, compartilha da opinião do economista da FGV. Uma desvalorização é sempre um estímulo, mas ela tem que ser avaliada, pois existe um limite para tanto.

Mas esse é um aspecto em relação ao qual o governo não pode fazer muita coisa, pois o Brasil está num regime de câmbio flutuante. O que se pode fazer é evitar ruídos como o que aconteceu nesta semana com o ingresso dos recursos do Santander para comprar o Banespa, disse. "Os ruídos não refletem o mercado de câmbio."

**MALAN VÊ
PIORA NOS
TERMOS
DE TROCA**

Vendas – O ministro da Fazenda observou que, apesar de as exportações crescerem 17% em comparação com o mesmo período de 1999 – resultado sustentado pelos produtos manufaturados e por conta do aumento das vendas para os EUA –, as importações avançaram muito, prejudicando os saldos comerciais. Na prática, houve deterioração dos termos de troca.

O preço do petróleo aumentou 270% de janeiro a outubro deste ano, em dólar, e 380%, em reais. Por outro lado, o preço das commodities alcançou o nível mais baixo das duas décadas, afirmou Malan, destacando os cálculos apresentados recentemente pelo economista Afonso Celso Pastore.



Malan: preço das commodities foi o mais baixo em duas décadas



Nogueira Batista não vê problemas se o dólar superar R\$ 2,00

De acordo com ele, o nível de preços das commodities no mercado internacional, excluído o petróleo, é o mais baixo dos últimos 25 anos. Como 45% da pauta das exportações estão concentrados nesse segmento, é óbvio que o resultado da balança

será afetado. Houve ainda um crescimento acentuado das importações de matérias-primas industriais, fruto natural do crescimento num ambiente industrial ainda muito dependente do mercado externo nesse quesito, segundo Pastore.